

RESENHA^{*}

GONÇALVES, A.T.M. *A arte poética a serviço do proselitismo cristão: relendo os poemas de Aurélio Prudêncio Clemente (séculos IV/V)*. Jundiaí – SP: Paco, 2020. 275p.

Azenathe Pereira Braz^{**}

A obra *A arte poética a serviço do proselitismo cristão: relendo os poemas de Aurélio Prudêncio Clemente (séculos IV/V)* foi lançada no início de 2020 e vem se tornando uma referência na análise crítica desse poeta de renome do período Antigo e Medieval. Isso porque preenche uma carência de análises no âmbito das pesquisas brasileiras e, como láurea, oferece um percurso interpretativo inovador. O leitor é convidado a reler os poemas prudentinos sob uma nova ótica. O itinerário instiga à apreciação, a partir da re colocação dos poemas em uma ordem diferente de como nos chegaram, privilegiando o contexto histórico geral, para depois perceber as particularidades poéticas. A abordagem facilita a interpretação estilística da produção, uma vez que são versos construídos num esquema rítmico e com a apropriação de cânones, referências, metáforas e figuras de linguagem clássicas.

Essa nova abordagem reflete o conhecimento e a acuidade característicos das produções de Ana Teresa Marques Gonçalves. A autora é uma das mais produtivas e conceituadas especialistas dos Estudos Clássicos no Brasil. Além de sua dedicação à pesquisa, Gonçalves também formou centenas de alunos e estabeleceu uma base de pesquisas acadêmicas na área de História Antiga na Universidade Federal de Goiás, na qual é professora titular. É autora de diversos artigos acadêmicos e dos livros *A noção de propaganda e sua aplicação nos Estudos Clássicos: o caso dos imperadores romanos*

* Recebido em: 15/12/2021 e aceito em: 03/02/2022.

** Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5148-168X>.

Septímio Severo e Caracala (2013); e *Formas de oposição aos imperadores romanos durante os governos dos Severos: uma análise da obra de Herodiano* (2020). Com mais de três décadas de estudos, organizou diversas obras que reuniram vasto conhecimento sobre o Mundo Antigo, o qual aborda com um olhar perspicaz e envolvente.

Em *A arte poética a serviço do proselitismo cristão*, Gonçalves analisou os poemas de Aurélio Prudêncio Clemente elencando os cânones retóricos clássicos e a forma como eles foram vinculados às práticas cristãs e ressignificados na arte poética. A obra proporciona ao leitor uma visão de como as representações da Antiguidade e o arcabouço dos cânones clássicos foram reutilizados pelo proselitismo¹ cristão do século IV e V d.C. O autor antigo nasceu em 348 d.C. e se tornou um dos mais importantes poetas cristãos. Sua coleção de oito conjuntos de versos, em hexâmetros dactílicos,² foi bastante lida ou ouvida na passagem do séc. IV para o séc. V, e, além disso, amplamente divulgada no Medievo. Apesar do grande reconhecimento alcançado nesse período, a poesia prudentina ainda é pouco conhecida, portanto, pouco divulgada no Brasil. Assim, um dos objetivos do estudo da autora é promover a divulgação e o conhecimento dos poemas de Prudêncio.

De acordo com Gonçalves, uma das características mais marcantes da coleção poética prudentina é seu caráter proselitista. Os poemas possuem clara intenção de congregar a população ainda não convertida e de manter a fé dos já convertidos ao cristianismo. Para isso, o poeta buscou auxílio de um grande conjunto de *topoi* e de imagens reconhecíveis pelos seus leitores ou ouvintes, a serem utilizadas pela nova fé (GONÇALVES, 2020, p. 14), como, por exemplo, quando rechaça a adoração aos deuses e defende que o verdadeiro templo é o corpo humano, ornado com boas ações:

Amo o templo do espírito não o de mármore. Nele perduram os dourados cimentos da Fé (fides), se eleva sua estrutura que resplandece com a névea brancura da Piedade (pietas), a elevada Justiça (iustitia) cobre suas alturas, por dentro o Pudor (pudicitia) pinta os solos com a vermelha flor da castidade e custodia sua entrada. (PRUDÊNCIO. *Contra Símaco II*, vv. 249-254)

Seguindo o fluxo dos escritos cristãos, Prudêncio lançou mão de instrumentos de persuasão disponíveis e reconhecíveis como advindos dos cânones que eram vistos como costumes ancestrais antigos (*mores maiorum*) e refor-

çou a validade dos princípios cristãos. Conforme problematiza Gonçalves, seguindo a linha argumentativa de Averil Cameron (1991, p. 13), o poder do discurso foi utilizado pelo cristianismo para a sua fundamentação como filosofia. A fala foi um método eficaz, utilizado pelos cristãos instruídos ou não, para a construção de discursos em torno das práticas cristãs e suas prerrogativas. Desde os seus primórdios, o cristianismo deu grande valor ao desenvolvimento da oralidade em suas reuniões e em seu ideal proselitista, bem como à proliferação dos seus ensinamentos por meio da escrita. Ser cristão no século IV d.C. implicava assumir compromissos, que iam desde mudanças nos costumes pessoais, até o esforço em transformar os hábitos e o ideário de outras pessoas. Os versos prudentinos reforçam nossa opinião de que, nas sociedades orais da Antiguidade, a persuasão através da comunicação era o modo mais eficaz de conversão; por meio dessa ferramenta, o ideário cristão foi construído e promoveu alterações na vida dos homens antigos, criando, assim, novas representações.

O livro está dividido em cinco capítulos. No primeiro, “O uso dos aspectos históricos e mitológicos na poética prudentina”, são analisados dois poemas, intitulados *Contra Orationem Symmachi*, que combatem o retorno de símbolos pagãos nos edifícios públicos, para os quais Prudêncio legou versos impregnados de elementos históricos. Gonçalves, como historiadora de carreira, declara sua motivação ao começar por esses versos, por serem os que mais oferecem possibilidades interpretativas para o contexto histórico da produção. Adotando o viés polemista, Prudêncio versifica contra Símaco para rechaçar a conhecida solicitação deste para o retorno da estátua e do altar à deusa Vitória para o local onde se reunia o Senado em Roma. Duas décadas depois de esses fatos terem ocorrido, o poeta retoma a questão documentada nas epístolas de Ambrósio de Milão e a usa como mote poético. A autora problematiza a motivação desses versos, contextualizando, com metáforas, as virtudes do imperador Teodósio e as conquistas políticas da época, bem como as narrativas mitológicas. Na síntese dos detalhes dos mais de dois mil versos dos poemas, sobretudo é destacado o exercício de retórica de Prudêncio, seguindo a linha dos retores pagãos, com o intuito de demonstrar sua capacidade de debater questões polêmicas históricas e mitológicas (GONÇALVES, 2020, p. 39-40).

O segundo capítulo, “Em busca da construção de uma unicidade da expressão da fé cristã”, é dedicado à análise crítica dos poemas *Apotheosis* e *Hamartigenia*. Em suas observações, Gonçalves enfatiza os argumentos

em torno dos princípios que deveriam tornar a fé cristã una, rechaçando as outras religiosidades, e repensa a defesa da unidade do cristianismo na definição prudentina do que seriam as condutas heréticas. As análises são divididas por meio das ideias-força, que sugerem o motivo da produção. A autora partilha do entendimento de que, desde os primeiros anos, foi difícil encontrar uma unidade doutrinária nos seguidores do cristianismo, que começou como uma seita e assumiu variadas nuances no território romano onde se institucionalizou. Pela sua visão, os versos prudentinos reforçam as divergências entre os próprios cristãos e endossam o entendimento defendido por André Chevitaese (2016) quando afirma que o conceito de “cristianismos” é o mais adequado para definir os matizes assumidos pelo movimento. A existência de divisões de pensamento na construção da ortodoxia cristã, segundo Gonçalves, inspirou os poemas que versificam a necessidade de formação de um conjunto de crenças a ser compartilhado por todos os cristãos. Estes dois fatores, a refutação das heresias e a defesa da unidade cristã, constituíam elementos para o fortalecimento das comunidades espalhadas no território do Império Romano; porém, a maior ênfase continua no proselitismo.

No terceiro capítulo, “Tempo e espaço na poética prudentina”, a autora analisa as ferramentas que Prudêncio considerou úteis para auxiliar os convertidos a se manterem firmes na fé e a promover a conversão dos gentios. Os poemas *Cathemerinon* e *Dittchaeon* são hinos de inegável valor para o proselitismo cristão, pois são compostos de imagens cristãs com o objetivo de preencher a rotina e as mentes dos leitores ou ouvintes. Eram para ser declamados ao longo do dia, seja em momentos especiais, seja nas rotinas mais comuns, como, por exemplo, o hino para antes de toda refeição:

Ninguém sente o doce sem ti, Senhor; nem apetece levar coisa alguma à boca sem antes o seu favor, Cristo; não tem bebida nem comida, em qualquer tempo, que a fé não santifique. (PRUDÊNCIO. *Cathemerinon* III, vv. 13-15)

Os hinos pretendiam insuflar corações e mentes por meio de gatilhos de memória e manter os convertidos sempre atrelados ao ideário cristão, por meio da sua frequente repetição ao longo do dia e em datas especiais (GONÇALVES, 2020, p. 163). Na interpretação de Gonçalves (2020, p. 163-164), são identificadas a apropriação e reconstrução de noções temporais, com vistas a preparar as mentes para as ressignificações e para a prática de

uma nova visão de mundo e de um novo estilo de vida, a serem praticados pelos convertidos.

“O martírio como caminho para a salvação” é o quarto capítulo, dedicado à compreensão do poema *Peristephanon* ou *O Livro das Coroas*, como um reflexo da necessidade de criação de novos heróis por intermédio da figura do mártir e de seus suplícios. Essa também foi uma prática cristã reconhecida e que a autora revisa na obra prudentina, especificamente no poema analisado, ressaltando a necessidade dos *exempla* e o preenchimento do imaginário dos homens da época. Para isso, é feita uma análise crítica dos debates recentes sobre a prática antiga do sacrifício em busca de uma ascese. Daniel Boyarin, na obra *Dying for God* (1999, p. 93-109), aprofunda-se em uma vasta documentação do judaísmo rabínico e do cristianismo na Antiguidade Tardia, e argumenta que a prática do martírio fundamentou-se no judaísmo, mas, contudo, se desenvolveu mais intensamente e de forma ressignificada no cristianismo, com a construção de uma nova martiriologia. Esse desenvolvimento do martírio cristão é o processo de identificação que serviu como base para o culto dos santos como uma característica fundamental do cristianismo. Assim como Prudêncio, outros autores da Antiguidade Tardia, para se aproximarem das ideias mais importantes do pensamento cristão, tentaram adequar os cânones clássicos heroicos para a construção de uma imagem positiva do martírio e tornaram o cristianismo um sistema que se desenvolveu em constante interação com a cultura greco-romana.

Em diálogo com a historiografia pertinente, Gonçalves (2013, p. 141-149) desenvolve suas análises elencando as teorias existentes – essa é uma marca das suas produções – e afirma que o processo de cristianização implicou, antes de tudo, a elaboração de novas representações, com cânones retóricos clássicos e pagãos, por intermédio de sucessivas acomodações e apropriações. Dessa forma, no capítulo quatro, apresenta ampla discussão sobre as descrições da prática do martírio, identificada com as aventuras dos heróis, narradas pelos autores não cristãos. Os martirizados são identificados com os heróis pagãos, e suas tumbas se transformam em locais de peregrinação (GONÇALVES, 2020, p. 205). No ideário cristão, qualquer crente que expressasse sua fé publicamente e fosse martirizado poderia se tornar um herói da fé; já no mundo grego e romano, os heróis seriam seres dotados de habilidades excepcionais ou sobrenaturais, por isso tendo realizado grandes feitos e atos heroicos. No cristianismo, o mártir era alguém comum que, com o suplício, abria caminhos para a heroicização ao estilo cristão, isto

é, a elevação ao nível de um exemplo do poder da fé. Assim, a leitura de poemas que narravam os sacrifícios de cristãos eram poderosos incentivos à continuidade da crença.

O quinto capítulo, “A luta do bem contra o mal pela alma humana”, se detém no poema prudentino mais alegórico, o *Psychomachia*, no qual o poeta versifica a luta entre vícios e virtudes pelo controle da alma humana. De forma divertida e apropriando-se do estilo épico tradicional, os vícios e as virtudes duelam para dominar a alma do crente. Nada melhor para arrebatá-lo do que uma batalha, e Prudêncio, ao estilo homérico, não se eximiu de utilizar esse recurso para reforçar o proselitismo cristão. Gonçalves recupera da memória imagens homéricas dos combates heroicos travados entre Pátroclo, Heitor e Aquiles e os relaciona com as batalhas entre as potências personificadas como as Virtudes e os Vícios. O poema reúne versos que se referem às lutas entre sentimentos, sensações e disposições da alma que impeliam as ações humanas; assim, os vícios e as virtudes humanas ganham vida e são personificados alegoricamente. Para a autora, a principal função desse poema seria exaltar a figura de Cristo, o Senhor da batalha e a principal inspiração do trabalho de Prudêncio.

O itinerário proposto permite ao leitor viajar pela poesia prudentina, de forma a apreciá-la do geral para o particular. Começa com o contexto histórico do poeta, por meio das orações contra Símaco, perpassa as questões desafiadoras da unidade da fé cristã, e parte para oferecer uma nova forma de vivenciar o tempo e o espaço, chegando ao cenário da alma humana conquistada pela fé. Gonçalves elenca as ferramentas advindas da retórica clássica pagã, desvendando a poesia prudentina para o leitor interessado. As suas pesquisas a respeito desse funcionário da corte de Teodósio, que acabou se tornando um escritor cristão no século IV d.C., contribuí para se entender como a renovação impregnada na conjuntura desse período foi capaz de nos deixar uma diversidade de obras que refletem a complexidade desse momento. Nas palavras da autora: “a constante adesão a formas alternativas de ver e acreditar, estava conduzindo a uma construção do entendimento do mundo a partir da ordem instituída como eficiente desde a Antiguidade Clássica” (GONÇALVES, 2018, p. 435).

Com a leitura desse livro, assentamos que a poesia prudentina serviu de instrumento para o proselitismo cristão e foi amplamente divulgada. Porém, com a carência de trabalhos que esquadrinhem e expliquem a riqueza des-

ses versos, que são composições com as mais refinadas técnicas retóricas e literárias da época, há um prejuízo na sua apreciação. Venturosamente, o olhar perspicaz e a releitura aqui proposta são, sem dúvida, um marco na área de estudos, procurando suprir a lacuna de análises e elucidando aspectos inovadores do período de transição entre a Antiguidade e o Medievo.

Esses aspectos, refletidos nos versos prudentinos, se configuram na inegável composição religiosa que irrompe impetuosamente nesses séculos, exigindo do adepto uma postura interior baseada na mudança, na transformação de hábitos e da mente. Como defendeu Henri Irénée Marrou (1980, p. 55-63), sabe-se que uma nova cultura nascia, e a renovação das artes, como a escrita, a pintura e a música, tornava-se importante. Entretanto, essas novas manifestações sofreram influências da arte clássica e, com efeito, se renovaram sob novos valores. Essa perspectiva vem sendo defendida desde que esse autor publicou, em 1977, *Décadence romaine ou antiquité tardive? IIIe – Vie siècle*, em que declarou ser no plano religioso que se evidenciaram as transformações mais significativas, produzindo mutações profundas e com consequências consideráveis na sociedade da época. Na perspectiva culturalista, não se percebe uma brusca ruptura com o passado, pois essas mudanças não se constituem como uma revolução no seu sentido clássico. Marrou (1980, p. 15) defende que esse período deve ser reconhecido como outra Antiguidade. Em suas palavras: “é preciso aprender a reconhecer a sua originalidade e a julgá-lo por si mesmo e não por meio de cânones estabelecidos em tempos passados”.

Em nossa opinião, o *corpus* prudentino possui riqueza de particularidades desse período, ao indicar aspectos de comportamentos de renovação dos hábitos sociais de indivíduos, no que tange aos sentidos e às formas de se reapropriar daquilo que era considerado proveitoso, de modo a construir novos costumes legitimados a partir dos antigos. E esse é um aspecto que marcou o período denominado de Antiguidade Tardia, entendido por Gonçalves (2018, p. 435) como:

Uma temporalidade na qual está se promovendo a criação de novas tradições, a partir do já existente e de sua reapropriação para a criação das identidades cristãs. Para os autores proselitistas cristãos, converter-se é se inserir numa nova seara de significados, é se reapropriar de um vocabulário pré-existente e utilizá-lo no complexo processo de conversão, no qual está estipulada a adesão a uma

nova forma de vida, a uma nova filosofia de ação, a uma nova rede de sentidos. Tornar-se cristão seria, antes de tudo, refazer vínculos com a cultura pagã em novas possibilidades interpretativas.

Essas novas possibilidades referidas por Gonçalves, em nossa perspectiva, definem o marco temporal de Prudêncio, que, como um integrante dessa configuração, recebeu influências da demanda de ressignificações eminentes do século IV e V d.C. que precisam ser vistas com um olhar crítico sobre a evolução e até mesmo a transformação das crenças e culturas, numa dinâmica entre o poder e a sociedade. Essas interpretações renegam o entendimento de uma ruptura total com a Antiguidade Clássica e reafirma a percepção do fenômeno da Idade Média europeia como um processo inerente às transformações do Mundo Antigo. Por isso, o escrutínio de Gonçalves da produção de um homem que viveu nesse período, teve formação clássica, trabalhou no serviço público e propagou o Evangelho como projeto de vida permite entender como essas configurações mesclaram elementos da Antiguidade Clássica e as transformações do fim do Império Romano, contribuindo para o conhecimento de aspectos fundamentais e abrindo caminhos para as novas possibilidades interpretativas plasmadas nos versos prudentinos.

Referências bibliográficas

- BOYARIN, D. *Dying for God*. Califórnia: Stanford University Press, 1999, p. 93-109.
- CAMERON, A. *Christianity and the rhetoric of empire: the development of christian discourse*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- CHEVITARESE, A. L. *Cristianismos: questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Kline, 2016.
- GONÇALVES, A. T. M. Martírio e heroísmo: uma análise do *Livro da Coroas* de Prudêncio. *Mosaico*, Goiânia, v. 6, p. 141-149, 2013.
- GONÇALVES, A. T. M. A noção de fé verdadeira na obra poética de Prudêncio: uma análise do poema *Apotheosis*. *Heródoto*, São Paulo, v. 2, p. 435, 2018.
- GONÇALVES, A. T. M. A noção de fé verdadeira na obra poética de Prudêncio: uma análise do poema *Apotheosis*. *Heródoto*, São Paulo, v. 2, p. 435, 2018.
- MARROU, H. I. *¿Decadencia romana o Antigüedad Tardía?*. Madrid: Ediciones Rialp, 1980.

¹ A palavra proselitismo indica uma conduta intencional empreendida para alcançar um escopo determinado. O proselitismo religioso pode ser definido como um empenho ativista para converter uma ou várias pessoas a uma determinada causa, ideia ou religião. Paul Veyne, na obra *Quando nosso mundo se tornou cristão* (2010), afirma que o ideal proselitista foi um dos fatores que favoreceram a cristianização do Império Romano.

² Também conhecido por métrica épica ou verso heroico, o hexâmetro dactílico é uma forma de métrica ou esquema rítmico na poesia; é a forma mais antiga de verso grego e latino de que se tem conhecimento.